

Ano 7, Vol XIII, Número 2, Jul-Dez, 2014, Pág. 151-164

O TRABALHO CAMPONÊS COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: UM ESTUDO EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA

Oderlene Bráulio da Silva¹Jarliane da Silva Ferreira²

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido a partir da dissertação de mestrado intitulada *As Representações Sociais de Trabalho e Educação em comunidades ribeirinhas* resultante da pesquisa realizada no período de 2008-2010 na comunidade de Guanabara II do município de Benjamin Constant, Mesorregião do Alto Solimões e objetivou apresentar a relação entre trabalho e educação enfatizando o campesinato ribeirinho amazônico. Este trabalho apoiou-se em Witkoski (2006), Kuenzer (1997), Saviani (1994), Silva (2003), dentre outros que desenvolvem estudos sobre a relação entre trabalho e educação e que abordam a realidade vivenciada pelos moradores do contexto rural ribeirinho e vem contribuir com o aprofundamento de estudos e reflexões acerca das concepções e práticas que demonstram a indissociabilidade entre trabalho e educação e o modo de produzir a existência do povo que vive da terra, da água e da floresta e que muito contribui com o desenvolvimento da região.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Comunidade Ribeirinha

THE COUNTRY WORK AS EDUCATIONAL PRINCIPLE: A STUDY IN A RIVERSIDE COMMUNITY IN THE AMAZON

ABSTRACT: This article was developed from a mastering dissertation entitled *As Representações Sociais de Trabalho e Educação em comunidades ribeirinhas* (*The Social Representations of Work and Education in riverside communities*) as a result of the research done in the period of 2008-2010 in the community GuanabaraII in the municipal district of Benjamin Constant, in Alto Solimões river and the objective was to present the relation between work and education emphasizing country life in the amazonian riverside. This work was based on Witkoski (2006), Kuenzer (1997), Saviani (1994), Silva (2003), among others that developed studies on the relation between work and education and that deals with the reality lived by inhabitants of the rural riverside context and contribute to deepen the studies and reflexions on the conceptions and practices that show the indissociability between work and education and the way of making possible the existence of the people who live from the land, the water and the forest and that have a great contribution to the development of the region.

Keywords: Work. Education. Riverside Community.

¹ Profa. Msc. Em Educação, pertencente ao quadro docente do Instituto de Natureza e Cultura, Pólo Alto Solimões /AM- INC/BC/UFAM. lenebrau@ufam.edu.br

² Profa. Msc. Em Educação, pertencente ao quadro docente do Instituto de Natureza e Cultura, Pólo Alto Solimões /AM- INC/BC/UFAM. jarlianeferreira@yahoo.com.br

Introdução

O texto *O trabalho camponês como princípio educativo: um estudo em uma comunidade ribeirinha da Amazônia* que tem como objetivo apresentar discussões e reflexões sobre a relação entre trabalho e a educação enfatizando o campesinato ribeirinho amazônico foi desenvolvido a partir da dissertação de mestrado intitulada *As Representações Sociais de Trabalho e Educação em comunidades ribeirinhas* resultante da pesquisa realizada no período de 2008-2010 na comunidade ribeirinha de Guanabara II do município de Benjamin Constant, Mesorregião do Alto Solimões, um lugar de sujeitos amazônidas, que vivem entre o urbano e o rural desde o surgimento do território até os dias atuais.

Os sujeitos da pesquisa foram os trabalhadores e trabalhadoras de Guanabara II residentes na comunidade a mais de seis anos e a partir dos dezesseis anos de idade, pois segundo, Noda & Noda (2001) e Witkoski (2006), a partir dos oito anos as crianças ribeirinhas já estão inseridas nas unidades de produção assentada na mão de obra familiar.

Os procedimentos da pesquisa que proporcionaram a obtenção de dados apresentados no presente texto foram: levantamento bibliográfico e documental, **observação participante, aplicação de questionário e realização de entrevista semi-estruturada.** A construção da metodologia apresentou-se, como um trabalho artesanal que implicou produção, coleta, interpretação e construção de conhecimentos, sendo que a realização de uma leitura criteriosa sobre o que foi coletado durante a pesquisa de campo foi de fundamental importância na compreensão e desvelamento do lócus e do objeto de estudo, por isso buscamos o suporte teórico em autores que desenvolvem

estudos sobre a relação entre trabalho e educação e que abordam a realidade vivenciada pelos moradores do contexto rural ribeirinho.

Portanto, o trabalho configurado como um processo de provimento de saberes e práticas necessários à vida em sociedade está intimamente vinculado à educação, e vem se constituindo como um princípio educativo e uma condição natural da vida humana desde primórdios, se diferenciando no tempo e no espaço. Para melhor compreendermos esta extrema vinculação torna-se necessário conhecermos as formas de organização do trabalho do camponês, grupo social do qual faz parte o trabalhador e trabalhadora de comunidades ribeirinhas de nossa Amazônia.

1 Fundamentos ontológicos da relação trabalho e educação³.

O trabalho é fundamental na vida humana e existirá enquanto existirmos, apenas se altera, se modifica, se diferencia de acordo com o contexto, com as formas, instrumentos, relações e necessidades de produção que vão sendo mutáveis no tempo.

Assim o trabalho como “condição natural eterna da vida humana, e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum em todas as suas formas sociais” (MARX, 1983, p.153) vai se configurando como um elemento vital ao homem, pois favorece a produção de conhecimentos necessários à compreensão, intervenção e transformação da realidade.

Partindo deste princípio podemos verificar que o trabalho está intrinsecamente imbricado ao processo educativo do ser humano. Esta estreita relação entre trabalho e educação é exemplificada por Saviani (1994) quando ressalta que durante toda história a educação da maioria era o próprio trabalho. O povo se educava no próprio processo de

³ O nome deste tópico é com base no artigo Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos de Dermeval Saviani publicado na Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007

trabalho. Era aprender fazendo. Aprendia lidando com a realidade, agindo sobre a matéria transformada.

Kuenzer (1997) ao discutir a relação entre trabalho e educação demonstra que o saber é produzido no interior das relações sociais em seu conjunto; é uma produção coletiva dos homens em sua atividade real, enquanto produzem as condições necessárias a sua existência através das relações que estabelecem com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo, ou seja, o ponto de partida para a produção do conhecimento são as pessoas em sua atividade prática, ou seja, em seu fazer cotidiano.

Como mostra Gramsci (apud KUENZER, 1997, p.23) o trabalhador é um homem ativo de massa que atua praticamente, mas sem ter clara consciência teórica de sua ação, o que possui “é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma”, pois o trabalho é ao mesmo tempo atividade teórica e prática, reflexiva e ativa. Kuenzer retrata que:

[...] a educação para o trabalho se dá de forma diferenciada a partir da origem de classe, a pequena parcela da população que ingressa e permanece na escola se apropria, no seu interior do saber sobre o trabalho sob a forma de princípios teóricos e metodológicos, o que lhe permitirá ocupar, mediante alguma negociação frente à oferta de ocupações as funções intelectuais na hierarquia do trabalho coletivo. A grande maioria da população, composta pela classe trabalhadora excluída do sistema de ensino, resta aprender o trabalho na “prática”(1997, p.30)

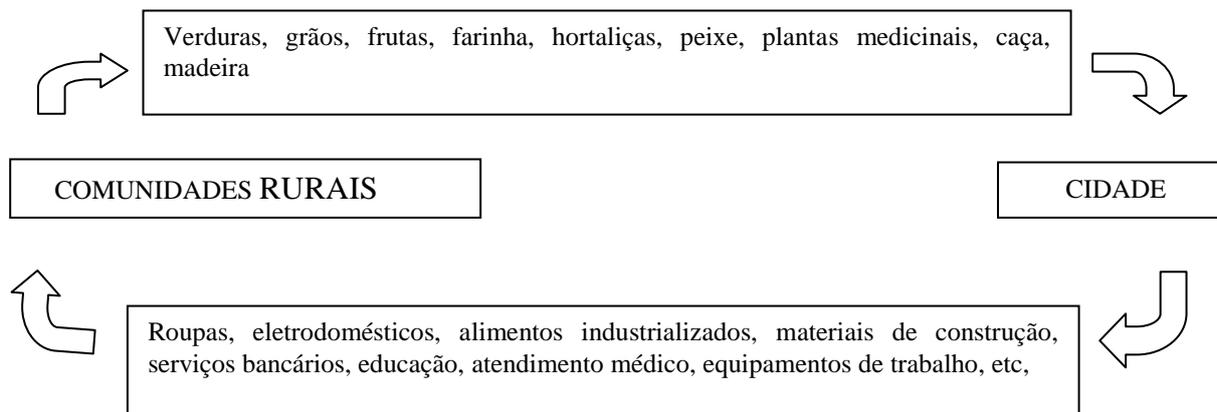
Essa desvantagem ainda assola a vida de muitos trabalhadores e trabalhadoras, dentre os quais estão os que vivem em localidades rurais, e, mais especificamente, os que habitam as localidades ribeirinhas amazônicas.

2 O camponês⁴ ribeirinho

Para Witkoski (2007), o camponês amazônico, possui uma singularidade em face das demais categorias do campesinato brasileiro, que é o trabalho simultâneo com os elementos terra, floresta e água. Para o autor, o lócus de trabalho possibilita a concretização do homem do trabalho no interior da Amazônia como agricultor/criador (terra), extrativista de produtos vegetais e caça (floresta) e extrativista de produtos animais- pesca e caça (água). Tais ações são dialeticamente articuladas e fragmentadas, consubstanciando-se em complementares.

Sendo assim, a realidade do meio rural amazonense é diferente em sua grande maioria, pois em seu habitat, existe a alimentação que é captada nos rios (peixes) e nas florestas (frutos e animais silvestres) o que supre a necessidade alimentar, constituindo suas práticas como quase exclusivamente para a subsistência, manutenção e reprodução da família e do ambiente, ficando uma parte da produção direcionada para a alimentação e outra parte para a comercialização, visando à obtenção de produtos e serviços não existentes na comunidade, o que comprova a existência de um continuum, de uma inter-relação entre o urbano e o rural da Amazônia, conforme demonstrado no esquema abaixo.

⁴ As populações rurais recebem estas denominações por terem variadas formas de produção vida, por isso além dos termos acima citados, a Resolução No. 2/2008 (art.1º.)⁴ cita os agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. .



Esquema adaptado do texto o rural-urbano em Santarém : interfaces e territórios produtivos. Retirado do livro *O rural e o urbano na Amazônia*(2006)

Para Arroio (1999) a dinâmica social do camponês é muito grande, na medida dos seus permanentes deslocamentos à espaços urbanos do seu convívio e à necessidade do intercâmbio de produtos, bens e serviços que precisam naturalmente, para a reprodução social.

O povo da terra, da água e da floresta do trabalho a qual considera Witkoski, ou o povo anfíbio como diz Terezinha Fraxe sobrevive com suas particularidades frente ao capitalismo pois vive dentro de uma sociedade capitalista e dela recebe influências. Dependendo dos interesses e das necessidades do grupo, ele tende a modificar suas representações, incorporando a racionalidade capitalista, mas recriando a sua própria racionalidade em virtude da garantia de continuidade da reprodução social da família, da posse da terra, da água e da floresta em busca da manutenção de sua existência e da construção de uma vida com qualidade social.

Segundo Oliveira (2006, p.35)

O trabalho está inserido nesse campo simbólico de correlações de poder, em que os grupos hegemônicos do capital têm acesso privilegiado para impor suas construções simbólicas, objetivando racionalizar, homogeneamente “as estruturas de resistência das RS” do processo de trabalho e da diversidade sociocultural à lógica da cultura do capital.

A disseminação da ideologia capitalista para homogeneização social veio ampliar a desigualdade entre os povos e a perda da identidade cultural da grande maioria. Para Silva (2003) o processo de globalização gerou uma onda de privatização no terceiro mundo excluindo de direitos grande parcela da humanidade e reduzindo os modos democráticos de vida política nacional, regional e local, levando à pobreza e à exclusão econômica e cultural, principalmente as populações indígenas e às comunidades tradicionais, pois utiliza mecanismos de discriminação de classes, de raça e gênero.

Desta forma, os trabalhadores e trabalhadoras de comunidades rurais, ficaram excluídos e ao mesmo tempo, discriminados, por serem estereotipados como atrasados, incultos, desinformados, alheios ao mundo, e subordináveis ao modo de vida e cultura de outro.

Segundo Silva (2003) os verdadeiros valores do povos da Amazônia são seus próprios valores, principalmente nas populações tradicionais com seu modo de viver, com sua visão particular de homem, de mundo, de sociedade e de vida coletiva, e não individual. Os verdadeiros povos da floresta, mas especificamente o ribeirinho, desenvolvem inúmeras práticas, condensa diferentes atividades, o que proporciona uma diversidade de ações e de múltiplos saberes.

[...] é o trabalho da casa; é a lida na roça, capinar, roçar, colher, carregar e preparar produtos para consumo ou para a venda; os afazeres das crianças na capina, na lida com os animais, na pesca com caniço; e os fazeres do homem na agricultura, na criação de animais, na pesca, na venda dos produtos [...] esse conjunto de atividades com aparências e essências modestas abrange as coisas simples, o dia-a-dia das mulheres e dos homens na unidade de produção camponesa de várzea (OLIVEIRA apud WITKOSKI, 2007, p.18)

Dentre as diferentes atividades produtivas desenvolvidas é perceptível que a agricultura e a pesca se destacam na comunidade de Guanabara II, estando elas enraizadas no cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras, pois são atividades que

realizam desde a infância e isso os leva a associarem o cotidiano da comunidade à realização das atividades produtivas locais.

Estas atividades destacam-se como forma de obtenção de recursos principalmente para a subsistência e têm seus ciclos de maior produção. A natureza direciona qual o período para o desenvolvimento de cada uma dessas atividades e o ribeirinho adapta-se e (re) constrói suas práticas e seus saberes. Para Witkoski (2006) a exploração da terra, da floresta e da água implica não só no etnoconhecimento dos recursos naturais como igualmente das estações de reprodução das espécies e na construção de um calendário que atende a dinâmica dos diversos ecossistemas com os quais eles se relacionam, integrando-se.

As atividades se articulam porque cada um é um tempo[...] A vida vai tendo um ciclo e a nossa sobrevivência também. Às vezes me perguntam com quem eu aprendi isso e eu digo que foi o tempo e o meu trabalho que me ensinou. (Sr. OGM, 36 anos)

O trabalhador ribeirinho tem um calendário produtivo que é planejado em virtude da subida e descida das águas e da experiência de vida obtida no seu fazer sobre o ambiente. É um calendário que não pode ser alterado pelo homem, somente pela força da natureza, pois ele planeja quando, como, onde e o que fazer conforme a dinâmica do ambiente natural que o circunda. O gráfico abaixo apresenta o ciclo das atividades produtivas da comunidade ribeirinha, lócus da pesquisa.

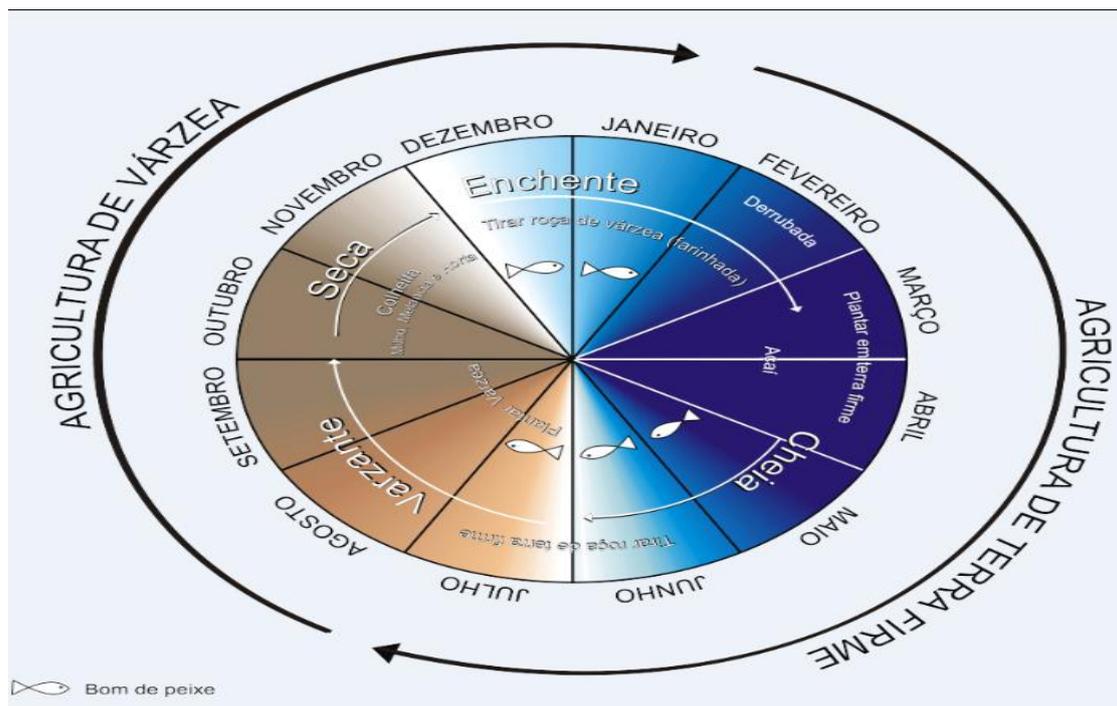


Gráfico - Ciclo das atividades produtivas de comunidades ribeirinhas e calendário hidrográfico

A relação com a natureza daqueles que vivem no contexto ribeirinho, portanto, possibilita a (re) produção de saberes e práticas necessárias a sua sobrevivência. Para Witkoski (2006) sem essa multiplicidade de atividades combinadas entre si, inseridas no ciclo natural das enchentes, cheias, vazantes e secas, a vida camponesa nas várzeas do Solimões/Amazonas não poderia apresentar a singularidade que possui.

3 O trabalho ribeirinho como princípio educativo

Durante muitos anos, a principal forma de educação dos moradores da comunidade de Guanabara II foi o fazer, o viver e o conviver cotidiano. As práticas de trabalho desenvolvidas pela família e grupo social eram os conteúdos principais. A

educação do artesão aquela que se obtém a partir da observação e da experimentação era primordial.

O trabalho como princípio educativo maior possibilitou a troca e (re)construção de conhecimentos necessários à vida em sociedade sendo a base da manutenção da vida dos grupos sociais excluídos da sociedade capitalista hegemônica. Um dos entrevistados retrata que:

Meu pai não mandava ir pra escola. Também naquele tempo nem escola tinha nas comunidades. O nosso lápis era o terçado, o nosso caderno a roça e o nosso professor o trabalho. Aquele ensinado pelos pais ou se não pela própria necessidade. (FC, 86 anos)

Aprender a fazer fazendo, criando, inventando, ouvindo, experimentando, repetindo e enfrentando os desafios era o principal modo de educação dos que habitavam as margens dos rios, bem como assim o era a do povo primitivo de modo de produção comunal.

Podemos melhor compreender o trabalho no modo de produção comunal apresentando as características que Enguita (1989) cita para descrever o trabalho na sociedade pré-industrial: produção para subsistência, divisão natural do trabalho; pouca diferenciação entre trabalho, ócio e atos sociais rituais (a caça, nas sociedades caçador-coletores, os mercados nas sociedades agrícolas); utilização de espaço comum para vida familiar e atividade de trabalho, controle do trabalhador sobre o tempo, processo e produto do trabalho. Nesta, portanto, a produção visava suprir as necessidades imediatas e os meios de trabalho eram colocados a serviço do indivíduo. O trabalho representava liberdade, domínio sobre a natureza, inclusão no meio social e (re) construção do conhecimento. O trabalho foi se configurando assim como um princípio educativo fundante à existência humana, tal qual o dos moradores de Guanabara II.

Meu pai deu pra a gente a oportunidade também de estudar, trabalhando, fazendo canoa, todo mundo trabalhando de agricultura, plantando, ralando muito também. Mas assim como aprendi com nosso pai também procuro ensinar pros meus filhos, um pouco de cada coisa, porque sempre ouvi falar que a gente não aprende só de estudo, mas aprende de estudo, de agricultura, de pesca, saber de tudo um pouco, pois assim como ele me ensinou também passo a educação pros meus filhos (AAA, 28 anos).

Aprendi com o trabalho, pois tudo que aprendi foi olhando os outros para poder aprender a fazer. A agricultura meus pais me ensinaram, às vezes até através da força, pois eu aprendia ou apanhava (MCN, 42 anos).

Os moradores de comunidades ribeirinhas, que constituem sociedades coletivas e plurais, se educam através dos afazeres diários. Por isso valorizar as experiências e os saberes dessa população é de suma importância para fortalecer o processo de construção de uma consciência política.

Frente a isso e as mudanças e contradições da sociedade atual a formação escolar vem se tornar necessária para esses trabalhadores, pois os possibilita fazerem uma releitura do mundo, de suas práticas para criar e recriar a sua história, pois o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1986, p.26).

Destarte as atividades produtivas têm o objetivo de garantir a alimentação da família e produção da sua existência, fortalecendo as práticas sociais e os saberes histórico e socialmente construídos, pois como dizem “[...] o que os meus ancestrais me ensinaram quero repassar do mesmo jeito para os meus filhos.” (OGM, 36 anos).

Conclusão

Os(as) moradores(as) da comunidade trabalham para sua subsistência, buscando adquirir o que é meramente necessário a vida cotidiana, mas no cotidiano da comunidade entrelaçam-se múltiplos saberes e práticas que direcionam as formas de organização social e a produção da existência no contexto ribeirinho, levando em consideração: a) os ciclos dos recursos naturais que direcionam as atividades produtivas locais; b) a valorização dos saberes, da cultura e das experiências cotidianas; e c) o respeito a grande diversidade sócio-cultural e a biodiversidade tão presentes neste contexto.

Senso assim, as formas de produção da existência no contexto ribeirinho que se diferenciam pela singularidade e especificidade de cada indivíduo, grupo social e atividades produtivas configuram o trabalho como um processo de provimento de saberes e práticas necessárias à vida em sociedade que está intimamente vinculado à educação, constituindo-se como um princípio educativo e uma condição natural da vida neste contexto.

Portanto, o trabalho camponês é um princípio educativo fundante e está vinculado a água, a terra e a floresta, favorecendo a relação homem-natureza. E é esta característica que vem determinando e justificando as práticas e racionalidades dos povos ribeirinhos da Amazônia, mas especificamente do trabalhador e trabalhadora da comunidade de Guanabara II que faz com que o campesinato ribeirinho seja diferente dos demais tipos de campesinato brasileiro.

Referências

ARROYO, M. & FERNANDES, B. M. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção por uma educação básica do campo. No. 2.

CARDOSO, A.C. ; LIMA, J.J.F. Tipologias e padrões de ocupação na Amazônia oriental. In: CARDOSO, A.C.D(org). *O urbano e o rural na Amazônia*. Belém: Editora da UFPA, 2006.

ENGUITA, M.F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: artes Médicas, 1989.

FRAXE. Terezinha J. P. *Homens Anfíbios. Etnografia de um campesinato das Águas*. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da cultura e Desportos do Governo do estado do Ceará, 2000.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos*. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

KUENZER, A. Z. *Ensino de 2º. Grau: o trabalho como principio educativo*. 3ª.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural. Livro 1, Tomo 1, 1983.

NODA, Sandra do Nascimento. *Agricultura Familiar na Amazônia das Águas*. Manaus: EDUA, 2007.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e Representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém/PA: CCSE-UEPA, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo: as novas tecnologias. In: FERRETI, Celso et al. (org.) *Tecnologia, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Jorge Gregório, Análise Histórico-crítica do processo de globalização na região amazônica. In: *Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas*. Ano 7 – n. ½ - jan./dez. 2002. Manaus: EDUA, 2003

WITKOSKI, Antonio Carlos. *Terras Florestas e águas do trabalho: os camponeses amazonicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Série: Amazônia: a terra e o homem)

Recebido em 05/8/2013. Aceito em 15/11/2013.

Sobre as autoras e contato:

Profa. Msc. Em Educação, pertencente ao quadro docente do Instituto de Natureza e Cultura, Pólo Alto Solimões /AM- INC/BC/UFAM. lenebrau@ufam.edu.br

Profa. Msc. Em Educação, pertencente ao quadro docente do Instituto de Natureza e Cultura, Pólo Alto Solimões /AM- INC/BC/UFAM. jarlianeferreira@yahoo.com.br